

# A RECEPÇÃO DE ÁLVARES DE AZEVEDO, FAGUNDES VARELA, CASIMIRO DE ABREU E JUNQUEIRA FREIRE EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX

---

**Eduardo Melo França\***

*Resumo:* O objetivo deste trabalho é mapear a recepção crítica e a circulação da poesia de Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire entre os principais periódicos culturais e antologias literárias publicadas em Portugal no século XIX.

*Palavras-chave:* Ultrarromantismo brasileiro. Recepção crítica portuguesa. Periódicos e antologias.

## ÁLVARES DE AZEVEDO

■ **Á**lvares de Azevedo teve seus versos incluídos em algumas das principais antologias publicadas em Portugal. Isso, de alguma forma, nos diz que sua poesia, independentemente de ter sido pouco reproduzida em periódicos, chegou ao conhecimento dos principais críticos do cenário português que, por sua vez, reconheceram seu lugar de destaque na literatura brasileira. Nas suas *Memórias de literatura contemporânea*, Antônio Pedro Lopes de Mendonça inicia o seu pequeno artigo, quase um verbete, dedicado a Álvares de Azevedo, classificando-o como um “talento de primeira ordem, uma daquelas vocações onipotentes, que revelam, desde o berço, os fecundos dons do gênio” (MENDONÇA, 1855, p. 319). Seus poemas “Lembrança de morrer” e “Se eu morresse amanhã”, segundo o crítico, mostram que:

*O poeta tinha o pressentimento da sua morte prematura! Entre os delírios da sua alegria, vem sempre pousar um pensamento melancólico, uma vaga aspiração de que a sua passagem na terra há de ser fugitiva e rápida [...]*

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Recife – PE – Brasil. E-mail: eduardomelofranca@hotmail.com

*Esta poesia tem por título Lembranças de Morrer, e não é a única que manifesta os seus dolorosos pressentimentos. Se eu morresse Amanhã é também uma saudosa despedida aos prazeres da vida, o revoar profético para as sombrias regiões da morte* (MENDONÇA, 1855, p. 319-320).

A poesia de Álvares de Azevedo, segundo Lopes de Mendonça, divide-se em duas partes. Na primeira delas, intitulada pelo próprio poeta como *Lira dos vinte anos*:

*Inseriu todas as inspirações de sentimento, todos esses sonhos de uma fantasia, ao mesmo tempo, terna e excêntrica. A segunda parte revela plenamente a vasta instrução que possuía, em tão curta idade. Conhecia todos os poetas modernos, e nas suas invenções, apesar de incompletas, denuncia-se a próxima lição dos autores ingleses – desde Shakespeare até Byron. Era um poeta do século, percebendo a fundo as suas aspirações e tendências. A sua musa, graciosa e fácil, verte o humor numa versificação descuidada e desleixada. Nos Boêmios, auto de uma comédia não escrita, há vivacidade e movimento, qualidades dramáticas, estilo ligeiro e solto, ironia fina e penetrante* (MENDONÇA, 1855, p. 320).

Ressaltando o talento do poeta e também o de toda a literatura brasileira, Lopes de Mendonça alerta sobre a necessidade de os portugueses permanecerem atentos aos poetas que ultrapassavam o oceano e chegavam às terras lusitanas:

*Mas é em nome dos antigos laços, que estreitamente nos uniram, que não podemos deixar de observar com desvanecimento os progressos e o esplendor dessa nação que fala a mesma língua, em cujas veias corre o mesmo sangue, e cujas tradições mais gloriosas também pertencem à nossa história. Vocação, como a do Sr. Antônio Gonçalves Dias, como a do jovem poeta, expirando da aurora do seu talento, testemunham eloquentemente a vitalidade da nação brasileira. Portugueses, não podemos deixar de ter orgulho de ver a nossa língua, acordando maviosamente os ecos daquelas ridentes campinas, e daquelas copadas florestas: se nos faltassem outros estímulos de fraternidade, bastava esta inevitável comunhão das letras, para destruir rivalidades, pouco próprias da mútua dignidade de suas nações, que por assim dizer, nasceram no mesmo berço* (MENDONÇA, 1855, p. 324).

Em 1858, no *Arquivo Pitoresco*, Lopes de Mendonça publica um artigo de três páginas, em coluna dupla, sobre o já falecido Álvares de Azevedo. Começando pela sua infância, relata que desde muito jovem, ainda na escola, o poeta já dava as primeiras pistas do seu talento. Fala de suas leituras preferidas, Byron, Goethe, Musset, Victor Hugo e Lamartine, dos seus pensamentos que “tornavam-se cada vez mais sombrios e desconsoladores” e de sua poesia que parecia reflexo de uma “dolorosa agonia em que se revolia seu espírito” (MENDONÇA, 1858, p. 77). O artigo reproduz trechos de suas cartas pessoais, de alguns de seus poemas e mais uma ou outra anedota que reafirma a sua melancolia e falta de vontade para viver; sua poesia mostrava que Álvares de Azevedo “não é um homem que diz meramente: eu sofro; é um homem que realmente sofre, que sente morrer, e que se despede de tudo o quanto ama e deseja com dilacerante e pungida saudade” (MENDONÇA, 1858, p. 78).

No entanto, o crítico pouco fala propriamente sobre os versos do poeta. A não ser, evidentemente, de forma genérica, sobre sua filiação à poesia byroniana. Além disso, Lopes de Mendonça menciona um dos seus últimos poemas, “Pedro Ivo”, como um indício do grande poeta que ele um dia seria se não sucumbisse à morte prematura.

Apesar de ser uma personalidade literária conhecida e ter sua poesia compreendida pela crítica portuguesa, também seus poemas, tal como a apreciação de sua obra, encontraram pouco espaço entre os periódicos. Em 1896, na *Revista Moderna*, foi publicado o seu popular “Se eu morresse amanhã”. Em 1897, na seletiva revista *O Branco e Negro: Semanário Ilustrado*, foi a vez do poema “Disfarce inútil”. No *Tesouro poético da infância*, de Antero de Quental (2003), há apenas um poema de Álvares de Azevedo, “A donzela encantada”. Já no *Parnaso português moderno*, de Teófilo Braga (1877), ele foi o poeta brasileiro com o maior número de poesias, seis no total: “Sonhando”, “Soneto”, “Lembrança de morrer”, “No dia do enterro de \*\*\*”, “Trindade” e “Se eu morresse amanhã”. Entre todos os autores publicados na antologia de Teófilo Braga, brasileiros, portugueses ou galegos, apenas Garrett, com nove, teve mais poemas do que Álvares de Azevedo.

Também não foi diferente no *Cancioneiro alegre*. Na antologia organizada por Camilo Castelo Branco, enquanto a maioria dos autores selecionados aparece com um poema, Álvares de Azevedo, novamente ao lado de Garrett, teve duas poesias reproduzidas, “Minha desgraça” e “Namoro a cavalo” (CASTELO BRANCO, 1925, v. 1). No entanto, na pequena apresentação que precede aos dois poemas, apresentados com os de Francisco de Sá, Camilo não faz nenhuma apreciação especificamente literária. Apenas, num tom irônico, classifica ambos os poetas como “dois dos mortos nomeados sempre que os vivos suspeitam que um astro funesto alumia lugubrememente a sepultura dos modernos poetas brasileiros” (CASTELO BRANCO, 1925, v. 1, p. 109).

Não há nesse pequeno introito escrito por Camilo qualquer contribuição crítica que auxilie o leitor a melhor compreender e contextualizar a poesia de Álvares de Azevedo. Boa parte dessa apresentação corre em tom de deboche e a poesia de Álvares de Azevedo praticamente não é tratada. Mais interessava a Camilo gastar sua pena falando, superficialmente, da geração de poetas brasileiros “arreatados em flor pelo ciclone da morte” – tal como “Dutra Mello, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Macedo Júnior, Castro Alves, Pena, Bernardino Ribeiro e Gonçalves Dias” (CASTELO BRANCO, 1925, v. 1, p. 109). Talvez por isso, ao menos no *Cancioneiro alegre*, não fique clara a sua opinião sobre a poesia de Álvares de Azevedo.

Além de considerá-lo um “gênio humorístico” que sofria de “delírios byronianos” (CASTELO BRANCO, 1925, v. 1, p. 110), vejamos o que Camilo tem a dizer sobre ele:

*Este, sim: quando o Vesúvio de dentro não tinha mais lava que vulcanizar, atirou-se a si à cova como quem precisa repouso. Álvares de Azevedo sofreu e morreu por conta de Byron, de Musset e de Espronceda. Empestou-o o cholera da paixão e do conhaque que ardia na França, e passou ao outro hemisfério sem ferir este abençoado* (CASTELO BRANCO, 1925, p. 112).

Se, apesar de *Macário*, Álvares de Azevedo não aparece na *Carteira do artista*, de Souza Bastos (1898), sua poesia não passou despercebida na *História da poesia moderna em Portugal*, de Teófilo Braga, publicada como opúsculo em

1869 no número três da *Revista Crítica de Literatura Moderna por uma Sociedade de Literatos*. Na seção que dedica “à poesia da escola satânica de Byron”, Teófilo Braga passa breve, mas didaticamente, pelas principais matrizes dessa poesia. Segundo o crítico, a melancolia, o desprezo pela vida, o satanismo, a ironia e o humor seriam frutos de um excesso individualista inaugurado por Byron:

*O exagerado individualismo, fazendo ver o mundo através das impressões pessoais, deixou a alma solitária, descontente, sem fé, absorvida do tédio, ao passo que as leis eternas do mundo e da consciência se iam descobrindo no campo das ciências naturais e da metafísica* (BRAGA, 1869, p. 10).

Apesar de encontrarmos no índice do opúsculo de Teófilo Braga o subtítulo “Álvares de Azevedo e o lirismo brasileiro – sua influência perniciosa”, quando o crítico fala sobre a poesia lírica brasileira não é a influência poética exercida por Álvares de Azevedo sobre os seus conterrâneos que lhe chama atenção. Se ao abordar os principais byronianos europeus ele destaca alguns de seus aspectos fundamentais, quando se dedica ao byronismo brasileiro, por meio de Álvares de Azevedo, prefere, tal como Camilo no seu *Cancioneiro alegre*, se preocupar com a onda de morte precoce entres esses jovens poetas, esquecendo o que de fato mais interessa, a poesia. Aliás, Teófilo Braga não menciona especificamente qualquer característica dos versos de Álvares de Azevedo. Interessa-lhe apenas destacar que:

*A mocidade brasileira, desde que os livros desse rapaz de gênio, Álvares de Azevedo, morto em idade prematura, fizeram a apoteose da devassidão, da descrença, do desprendimento da vida, do tédio e cansaço da realidade, em estrofes repassadas de uma sedutora melodia, de um timbre ingênuo e quase selvagem para não dizer virginal, lançou-se sobre a mesma senda e ainda não se afastou um ápice dela [...] A mocidade brasileira não se afasta desses modelos perigosos, cuja influência tem sido funesta, dando-lhe uma velhice precoce, e arrebatando na flor da idade verdadeiros talentos sacrificados estonteadamente à mania de querer passar por vítima* (BRAGA, 1869, p. 12-13).

São somente dois os seus comentários verdadeiramente literários e, diga-se de passagem, incisivos. Ele considera que a poesia lírica brasileira possui unicamente uma feição: a imitação de Byron, Musset e Espronceda. Depois, constata:

*O lirismo byroniano desapareceu com as circunstâncias que o propagaram na Europa; o poeta é pó que primeiro se sente impressionado com as evoluções de um século, por isso convém deixar essa imitação forçada e artificial, e volver olhos para o estudo das ricas tradições nacionais, admiravelmente aceitas pelo renascimento do gênio da história* (BRAGA, 1869, p. 13).

## FAGUNDES VARELA

A referência a Fagundes Varela na *Carteira do artista* é tão sumária que não nos toma muito espaço reproduzi-la integralmente:

*1841 – Nasce no Rio Claro, então província do Rio de Janeiro (Brasil) Luís Nicolau Fagundes Varela.  
Vítima de uma apoplexia cerebral, morreu em Niterói, a 18 de fevereiro de 1875.  
Foi um poeta inspirado e primorosíssimo. Publicou diversos volumes de versos.*

*Depois da sua morte foi publicado o poema em 10 cantos, Anchieta ou o Evangelho nas selvas, que contém grandes belezas. Deixou manuscritos três dramas em verso: A fundação de Piratininga, Ponta Negra e O demônio do jogo (BASTOS, 1898, p. 546).*

No *Cancioneiro alegre*, antes do seu poema “Canção lógica”, Fagundes Varela recebe uma apresentação irônica, mas correta. Primeiro, ele é dito como lido e respeitado tanto no Brasil quanto em Portugal, onde foi reimpresso em 1875. Depois, a certa altura, Camilo reproduz uma passagem na qual o poeta minimiza a distância entre o artista e o leitor, afirmando que todos já fomos inspirados por amores e já nos sentimos poetas:

*Qual é o estadista, o homem de negócios, que não se sentiu alguma vez na vida poeta, que aos ouvidos de uma pálida Madalena ou Julieta, esquecendo-se dos algarismos e da estatística, não se lembrou que haviam brisas e passarinhos, ilusões e devaneios? (apud CASTELO BRANCO, s.d., p. 127).*

Diante dessas palavras, Camilo não perde a piada e logo sugere que esse poeta também haveria esquecido da existência da “gramática” (CASTELO BRANCO, s.d, p. 127). Com razão e deboche, o crítico não perdoa e lembra a Fagundes Varela:

*Havia regras para o verbo haver, além de brisas para refrigério da epiderme e passarinhos para deleite dos ouvidos. Em poesia um sabiá não substitui a sintaxe e as flores do ingá que rescendem no jequitibá não disfarçam a corcova dum solecismo (CASTELO BRANCO, s.d., p. 127).*

Além dessa censura, há apenas mais alguma galhofa sobre as declarações de Fagundes Varela, que tenta negar à figura do poeta um caráter espiritualmente superior, afastada do cotidiano e das preocupações vulgares do dia a dia.

Se no *Tesouro poético da infância* (QUENTAL, 2003) o único poema de Fagundes Varela é “O vagalume”, no *Parnaso português moderno* (BRAGA, 1877) encontramos outros cinco: “Lira”, “O mesmo”, “Serenata”, “Estâncias” e “O canto dos sabiás”. Vale também destacar que em 1866 Fagundes Varela teve quatro poemas publicados no *Arquivo Pitoresco* (VARELA, 1863a, 1863b, 1863c, 1863d). No número seis, inspirado pela questão anglo-brasileira, “Canto do sertanejo” e “Canção”. No número quinze, “Hino” e “Província de São Paulo”.

## CASIMIRO DE ABREU

Tanto Raymond Sayers (1983) quanto Arnaldo Saraiva (1982) afirmam que ao longo do século XIX Casimiro de Abreu foi o poeta brasileiro de maior popularidade em Portugal, tendo seus poemas amplamente lidos e recitados. Segundo Sayers, nada disso aconteceria se o jovem escritor não tivesse morado em Lisboa por quatro anos e lá convivido em círculos intelectuais.

Na *Ilustração luso-brasileira*, em 1856, além da novela “Camila: memória de uma viagem”, Casimiro de Abreu publicou os poemas “Minha terra”, “Saudades”, “A rosa”, “Suspiros”, “Rosa murcha”, “A vida”, “Castigo”, “A amizade”, “Os meus sonhos”, “Elisa” e “Ilusões”. No *Panorama*, saem seus poemas “Lembras-te”, em 1856, e “Desejos”, em 1857. Como nos diz Henrique de Campos Ferreira Lima, nos números 351 e 352 do jornal *O Progresso*, de Lisboa, nos dias 12 e 13 de março de 1856, foi publicado em dois folhetins seu romance *Carolina* (LIMA,

1939, p. 15). No *Universo Ilustrado*, em 1880, saiu seu poema homônimo em homenagem a Camões.

Apesar de na *Ilustração luso-brasileira* Casimiro de Abreu ter tido como colegas de colaboração figuras importantes que representavam a “flor da literatura portuguesa do tempo”, como Alexandre Herculano, Oliveira Lima (este brasileiro), Marreca, Antônio Serpa, Antônio Pedro Lopes de Mendonça, Ernesto Biester, Francisco Gomes de Amorim, Francisco Maria Bordalo, José Maria de Andrade Ferreira, Augusto Palmeirim, Raimundo de Bulhão Pato e Rodrigo Paganino, em

[...] nenhuma das obras dos escritores mencionados encontramos qualquer referência a Casimiro de Abreu, não obstante eles conhecerem, evidentemente, as suas produções publicadas em ambas revistas [A ilustração luso-brasileira e O panorama] (LIMA, 1939, p. 16).

De fato, além de seus versos estarem entre algumas das principais antologias lançadas na época, não houve, ao menos entre periódicos literários, apreciação de sua poesia. Como veremos, seu nome surge apenas compondo uma geração de poetas líricos e de influência byroniana no romantismo brasileiro.

É curta a referência que Souza Bastos (1898, p. 578) lhe dedica na *Carteira do artista*:

1837 – Nasce em S. João da Barra (Brasil) Casimiro de Abreu.  
Dedicado por seu pai ao comércio, Casimiro José Marques de Abreu, poeta de coração e por índole, vivia contrariadíssimo, a ponto de adoecer e ter de vir passar algum tempo a Portugal; não melhorando, regressou à sua pátria e ali morreu a 18 de outubro de 1860, tendo apenas 23 anos de idade.  
Entre outras muitas obras poéticas, deixou à cena dramática Camões e o Jaú, que se representou com muito agrado no teatro de D. Fernando, de Lisboa, e depois em outros teatros de Portugal e Brasil.  
São deste poeta os versos que tanto se popularizaram em Portugal e Brasil:  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

Teófilo Braga, se nada fala sobre Casimiro de Abreu na sua *História da poesia moderna em Portugal* (1869), no *Parnaso português moderno* (1877) inclui dois de seus poemas: “Amor e medo” e “Na rede”. No *Tesouro poético*, Antero de Quental (2003) selecionou o poema “Minha mãe”.

Já é sabido que a primeira encenação pública de uma obra de Casimiro de Abreu foi em Portugal. Em 18 de janeiro de 1855, no teatro Don Fernando, no Largo de Santa Justa, em Lisboa, foi apresentado o seu *Camões e o Jaú*. No ano seguinte, em 1856, sua peça foi impressa pela primeira vez na tipografia da revista *O panorama*. Somente em 1867 *Camões e Jaú* teve uma segunda impressão. Por meio do ensaio *Casimiro de Abreu em Portugal*, de Henrique de Campos Ferreira Lima (1939), encontramos a certeza para aquilo que já desconfiávamos: a recepção da peça foi mínima. Henrique de Campos Ferreira Lima diz que apesar de ter percorrido diversos jornais da época em busca de artigos sobre a encenação da peça, encontrou apenas uma menção assinada por Júlio Cesar Machado<sup>1</sup> no número 11 do *Eco Literário*, em primeiro de fevereiro do mesmo

<sup>1</sup> Apesar do rigor crítico, Júlio César Machado alcançou grande popularidade justamente pela produção de obras sem profundidade. Como diz Antônio José Saraiva, seria ele o último “émulo” de Ramalho Ortigão na literatura de viagens e impressão. Seus romances mostram pouca análise e muita descrição pitoresca. Na tentativa de introduzir o romance contemporâneo em Portugal, não conseguiu criar tramas densas e muitos menos personagens bem caracterizados. Seu teatro obteve grande sucesso, apesar de em vários momentos parecer um amontoado de lugares-comuns e humorismo reducionista (SARAIVA, 1982, p. 831-832).

ano, na qual nem sequer menciona o nome do jovem autor brasileiro. Leiamos um trecho desse “Juízo crítico”:

*Camões e Jaú é uma cena em versos que se faz valer por alguns harmoniosos, e por um desenho regular.*

*Merecimento literário, não me parece ter muito. Abunda em lugares comuns, e se, como já dissemos, tem alguns versos suaves, em compensação tem outros muito mais duros do que a rocha do Conde d’Obidos.*

*É quase sempre temeridade da parte de um autor que ainda não esteja aceito como poeta de primeira ordem por versos de sua lavra na boca de Camões, Tasso, Ariosto ou Dante. Estes quatro nomes que marcam e simbolizam o que a poesia tem alcançado de mais grandioso na Itália e em Portugal tem um certo direito a que não os façam ressuscitar para os fazer recitar versos que eles inquestionavelmente não teriam assinado com o seu nome.*

*Entretanto dizem-me ser estreia de um moço cheio de talento, e como, estreia aplaudimo-lo e dizemos-lhe em boa sinceridade que já é bom começar assim* (LIMA, 1939, p. 9).

Tal como fez no seu *Gonçalves Dias em Portugal*, também quando tratou de Casimiro de Abreu, Henrique de Campos Ferreira Lima destacou alguns acontecimentos literariamente menores, mas que numa abordagem biográfica adquiriram alguma graça ou ao menos preenchem algumas linhas. Um deles foi Casimiro de Abreu ter composto por volta de 1855 em Portugal seus poemas “Minha mãe” e “Rosa murcha”. Outro acontecimento destacado é o imbróglio que envolveu a mãe do poeta e a segunda edição do livro *As primaveras* em Portugal. Em 12 de julho de 1856, Casimiro de Abreu assinou um contrato para a publicação da segunda edição do seu livro *As primaveras* junto ao livreiro Antônio José Fernandes Lopes – também editor dos importantes *O panorama* e *A ilustração luso-brasileira*<sup>2</sup>. A única condição imposta pelo poeta foi de que essa segunda edição saísse somente dois anos após a publicação da primeira. A esses versos, o editor, com autorização escrita de Casimiro de Abreu, poderia anexar seus poemas outrora publicados nesses dois periódicos. O trato foi respeitado e assim saiu a edição em Portugal.

A mãe do poeta, a senhora Luiza Joaquina das Neves, alegou que o acordo fechado pelo filho não poderia ser válido, pois era ele muito novo e que somente ela mesma teria direitos sobre sua obra. Três testemunhas do acerto entre Casimiro de Abreu e o editor se pronunciaram e certamente influenciaram na decisão final do caso. A primeira, João Augusto Ribeiro Chaves, disse:

*Que frequentando a loja e a Imprensa de Antônio José Fernandes Lopes, ali encontrou Casimiro de Abreu, natural do Rio de Janeiro, e presenciou o contrato que ele fez com o mesmo Lopes, sendo ele testemunha o próprio que escreveu o documento transcrito a folhas cinco em mil oitocentos e cinquenta e seis* (LIMA, 1939, p. 20).

A segunda testemunha, João José Carlos Xavier Holtreman, declarou:

*Que por presenciar sabe que em mil oitocentos e cinquenta seis, Antônio José Fernandes Lopes, em cuja tipografia ele testemunha..., contratou com um poeta*

2 No artigo “Casimiro de Abreu em Portugal” é possível ler o texto do contrato assinado entre Casimiro de Abreu e Antônio José Fernandes Lopes para a publicação da segunda edição de *As primaveras*, assim como também da venda dos direitos de *Camões* e *Jaú* (cf. LIMA, 1939, p. 14-15).

*do Rio de Janeiro, Casimiro de Abreu, a reimpressão das suas poesias, algumas das quais correm no Panorama, e isto com as condições constantes do documento transcrito a folhas cinco, que ele testemunha viu assinar no mesmo estabelecimento, conhecendo o poeta Casimiro de Abreu, porque o costumava frequentar* (LIMA, 1939, p. 21).

A terceira testemunha foi Júlio Cesar Machado, que depôs o seguinte:

*Que sabe por ter presenciado entre o poeta Casimiro de Abreu, natural do Rio de Janeiro, residente então nesta cidade, e Antônio José Fernandes Lopes, se fizera o contrato que consta do documento a folhas cinco, e isto em 1856, sendo assinado o dito documento na Tipografia do mesmo Lopes onde ele testemunha trabalhava e conhecia o poeta Casimiro de Abreu, porque costumava frequentar aquele estabelecimento* (LIMA, p. 1939, p. 21).

A sentença foi favorável ao livreiro e em 1864 a segunda edição de *As primaveras*, que foi a primeira portuguesa, veio a público. Após essa publicação portuguesa de Antônio José Fernandes Lopes, seguiram-se as edições do Porto de 1866, de Lisboa 1867, 1871, 1875 e 1883 e, novamente, do Porto em 1894, 1909, 1923 e 1925. A edição de 1867 ganhou um prefácio de Pinheiro Chagas.

É inevitável que esse número nos faça reconhecer a popularidade da poesia de Casimiro de Abreu em Portugal. A respeito disso, escreve Pinheiro Chagas (apud LIMA, 1939, p. 21): “Este poeta goza no Brasil e em Portugal de uma merecida popularidade, comprovada pela necessidade da republicação das suas poesias”.

Ramalho Ortigão e Pinheiro Chagas foram alguns críticos que prefaciaram Casimiro de Abreu em Portugal. Segundo Ramalho Ortigão, Casimiro de Abreu:

*Desconhece os segredos da linguagem com que se enfeita a pobreza do espírito, não estudou em alheios moldes a forma em que tem de vazar-se a inspiração; não aprendeu a mecânica da palavra nem o contrário ponto da versificação. Não é um gênio desenvolvido nem um grande literato; é uma grande alma e um grande infeliz. Não verseja, poeta; não canta, suspira, lamenta-se, chora. Diz-nos singelamente o que sente, dá nos em cada verso um sorriso, uma lágrima, em cada estrofe um pedaço da sua alma, e sem o querer, sem o pensar talvez, oferece-nos no seu livro das primaveras, mera coleção de poesias fugitivas, o completo romance de um coração, um poema, cujo herói é o autor* (LIMA, 1939, p. 22).

Palavras de Pinheiro Chagas:

*Espontaneidade, ardor, muitas vezes irrefletido, expansão fervente de todos os sentimentos que lhe abrasam a alma; eis o que temos a admirar nas poesias que Abreu escrevia sobre o joelho, quando o punham saudades lancinantes, quando o abrasava uma louca paixão, quando o salteava um fúnebre pressentimento* (LIMA, 1939, p. 22).

## JUNQUEIRA FREIRE

Se Junqueira Freire não foi mencionado no *Cancioneiro alegre*, de Castelo Branco, ou na *Carteira do artista*, de Souza Bastos, na *História da poesia moderna em Portugal*, de Teófilo Braga, lemos que:

*Junqueira Freire, amarrado à mudez do claustro por um voto inconsiderado, alia o entusiasmo da crença com o desespero; os seus cantos parecem que propeem do fundo do lajedo do sepulcro; a sua fé tem intermitências de réprobo; ora e de repente amaldiçoa* (BRAGA, 1869, p. 13).

Teófilo Braga também seleciona dois de seus poemas para o *Parnaso português moderno* (1877): “Martírio” e “Também ela”. Por fim, seus poemas “Canção de órfão” e “Canto de guerra do galo” ajudam Antero de Quental (2003) a compor seu *Tesouro poético da infância*.

Se parece exagerada a ideia de que em algum momento Antero de Quental tenha sofrido influências significativas de Junqueira Freire, também não se pode negar que lhe nutriu alguma admiração (SILVEIRA, 1981, p. 29). Isso podemos conferir em duas cartas suas enviadas a Joaquim de Araújo e a T. Cannizzaro (QUENTAL, 1921). Além do que, também consta na biblioteca de Antero a primeira edição das *Obras completas* de Junqueira Freire. Daí a considerarmos significativa essa possível influência seria necessária muito mais imaginação do que pesquisa. De qualquer forma, na biblioteca que foi de Antero e que hoje está na Biblioteca Pública de Ponta Delgada, *há poucos representantes brasileiros. Além de Junqueira Freire, uma edição portuguesa, de 1840, de Marília de Dirceu e A cantora brasileira – nova coleção de hinos, canções e lundus*, impressa no Rio de Janeiro em 1878.

## A IMPORTÂNCIA DA RECEPÇÃO

Este artigo deve ser lido como um capítulo necessário para o entendimento do processo de autonomia da literatura brasileira diante da portuguesa. Como diz Octavio Paz (2009, p. 127): “antes de ter existência histórica própria, começamos por ser uma ideia europeia. Não é possível entender-nos se se esquece de que somos um capítulo da história das utopias europeias”. Por isso, no que diz respeito ao juízo crítico elaborado pela inteligência portuguesa acerca da literatura brasileira, ao longo dos oitocentos, muito ainda pode e deve ser dito. Pensando assim, demos esse primeiro passo e mapeamos nos principais periódicos e nas antologias literárias publicados em Portugal, ao longo do século XIX, a presença e a recepção crítica da poesia de alguns dos principais poetas românticos brasileiros, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire.

É preciso lembrar que toda busca por autonomia, independência ou legitimação é necessariamente um processo relacional, nunca unilateral ou solitário. Ainda que de forma abstrata, a situação demanda pelo menos dois corpos: um que almeja e outro que supostamente o legitima. A conclusão dessa dinâmica relacional não é fruto de uma sucessão de posturas objetivas e lineares que se resumem em possibilidades simplistas como acatar, renegar ou ser indiferente à opinião desse outro legitimador. Aquele que se pretende autônomo, mas que reconhece a obrigatoriedade do diálogo emancipador, coloca-se numa posição a partir da qual precisa descobrir ou construir elementos – atitudes, formas ou temas – que possibilitem o reconhecimento de sua pretensa essencialidade, caracterização ou simplesmente diferenciação em relação àquele que o precede e que, por isso, inevitavelmente exerce uma função fundamental nessa equação.

Todo esse processo é permeado e coordenado por uma série de discursos que ora servem para emancipar, ora para contestar a tentativa de autonomia daquele

que, ansioso, deseja simplesmente ser alguém. Nesse ponto, a última situação que se deseja é um debate entre surdos, uma superposição de monólogos ou uma conversa entre dois dialetos que não se compreendem. Quando recuamos diante desse cenário e temos a oportunidade de observá-lo de forma panorâmica, facilitada pelo distanciamento histórico, percebemos que é o pano de fundo histórico, teórico, crítico e ideológico que calça a negociação e coloca ambos os jogadores na mesma situação e em pé de igualdade. Ou seja, não há conhecimento, poder ou razões secretas e perpétuas que possam ser usadas como instrumento de poder por aquele que veio antes. Justamente por isso, reconhecer um desmembramento e uma autonomia não é um ato de generosidade, mas uma conclusão argumentativa, diante de um cenário elaborado formal e criticamente, mas também psicológica, histórica e filosoficamente.

Pensemos na busca de autonomia e legitimação empreendida pela literatura brasileira, diante da portuguesa, ao longo do século XIX. A conquista ou negação da autonomia precisa perpassar o discurso em vigor que legitima inclusive o próprio debate. Ou seja, os argumentos utilizados devem se remeter ao quadro maior que sustenta como pertinente a própria discussão acerca da autonomia. Só faz sentido discutir sobre a autonomia nacionalizante de uma literatura se esse tópico é reconhecido e ativo no horizonte de expectativa em questão. Acordado que há a possibilidade de um país pleitear autonomia de sua literatura, as duas partes envolvidas no processo, a que anseia e a que supostamente pode ou não a legitimar, precisam utilizar argumentos que se encaixem ou façam parte do escopo do seu tempo. Por isso, não se pode supor discutir a construção da autonomia da literatura brasileira no século XIX sem que se saiba o que foi dito pela crítica portuguesa sobre todo esse processo.

Por fim, não se trata, contudo, de afirmar que a crítica literária portuguesa detinha o *status* de legitimação da autonomia literária brasileira, mas que ela é parte inexorável desse momento. Ora, se só se é independente diante de um outro que pode ou não reconhecê-lo como tal, é preciso que a história da literatura brasileira inclua no seu bojo o discurso desse outro que sempre esteve diante da literatura brasileira, ou seja, a crítica portuguesa.

#### **THE RECEPTION OF ÁLVARES DE AZEVEDO, FAGUNDES VARELA, CASIMIRO DE ABREU AND JUNQUEIRA FREIRE IN PORTUGAL IN THE NINETEENTH CENTURY**

*Abstract: This article aims to map the critical reception and the circulation of Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu and Junqueira Freire's works by the most important journals and literary anthologies published in Portugal along the XIX centuries.*

*Keywords: Brazilian romanticism. Portuguese critical reception. Journals and anthologies.*

#### **REFERÊNCIAS**

- ABREU, C. de. Minha terra. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, v. 1, n. 16, p. 122, 19 abr. 1856a. Tipografia de A. J. F. Lopes.
- ABREU, C. de. Saudades. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, v. 1, n. 17, p. 135, 26 abr. 1856b. Tipografia de A. J. F. Lopes.

- ABREU, C. de. A rosa. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, v. 1, n. 18, p. 144, 3 maio 1856c. Tipografia de A. J. F. Lopes.
- ABREU, C. de. Lembras-te. *O Panorama: Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, Lisboa: Imprensa da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, v. XIII, 5º da 3ª série, n. 19, p. 149, 10 maio 1856d.
- ABREU, C. de. Suspiros. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, v. 1, n. 19, p. 147, 10 maio 1856e. Tipografia de A. J. F. Lopes.
- ABREU, C. de. Rosa murcha. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, v. 1, n. 20, p. 159, 17 maio 1856f. Tipografia de A. J. F. Lopes.
- ABREU, C. de. Elisa. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, n. 22, 31 maio 1856g. Tipografia de A. J. F. Lopes.
- ABREU, C. de. A vida. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, v. 1, n. 23, p. 178-179, 7 jun. 1856h. Tipografia de A. J. F. Lopes.
- ABREU, C. de. Castigo. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, v. 1, n. 24, p. 190, 7 jun. 1856i. Tipografia de A. J. F. Lopes.
- ABREU, C. de. A amizade. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, 21 de junho de 1856, v. 1, n. 25, p. 195, 21 jun. 1856j. Tipografia de A. J. F. Lopes
- ABREU, C. de. Camila: memória de uma viagem. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, v. 1, n. 26, p. 204-205, 28 jun. 1856k. Tipografia de A. J. F. Lopes
- ABREU, C. de. Os meus sonhos. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, v. 1, n. 27, p. 215, 5 jul. 1856l. Tipografia de A. J. F. Lopes.
- ABREU, C. de. Ilusões. *A Ilustração Luso-Brasileira: Jornal Universal*, Lisboa, n. 52, 27 dez. 1856m. Tipografia de A. J. F. Lopes.
- ABREU, C. de. Desejos. *O Panorama: Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, Lisboa: Imprensa da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, v. XIII, 1º da 3ª série, n. 7, p. 52, 19 abr. 1857.
- ABREU, C. de. Camões. *O Universo Ilustrado: Semanário de Instrução e Recreio*, Lisboa, t. 4, n. 15, p. 120, 4 abr. 1880. Tipografia de Matos Moreira & C<sup>a</sup>.
- AZEVEDO, Á. de. Se eu morresse amanhã! *Revista Moderna: Magazine Ilustrado*, Lisboa: Imprensa de Libano da Silva, t. 2, n. 38, p. 198, 1896.
- AZEVEDO, Á. de. Disfarce inútil. *O Branco e Negro: Semanário Ilustrado*, Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, ano 2, v. 3, n. 74, p. 352, 29 ago. 1897.
- BASTOS, A. de S. *Carteira do artista: apontamentos para a história do teatro português e brasileiro*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1898. p. 546.
- BRAGA, T. *História da poesia moderna em Portugal: carta a João Marques Nogueira Lima sobre a Grinalda*. Porto: Tipografia da Livraria Nacional, 1869. Disponível em: <[http://books.google.com/books?id=\\_GYtAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com/books?id=_GYtAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 27 out. 2013. Fac-símile.
- BRAGA, T. *Parnaso português moderno*. Lisboa: Tipografia da Biblioteca Universal, 1877.

- CASTELO BRANCO, C. *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*. Porto: Livraria Chardron Lelo & Irmão, 1925. v. 1, p. 112.
- CASTELO BRANCO, C. *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*. Publicações Europa-América, [s. d.]. v. 2, p. 127.
- LIMA, H. de C. F. *Casimiro de Abreu em Portugal*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1939. p. 9.
- MENDONÇA, A. P. L. de. *Memórias de literatura contemporânea*. Lisboa: Tipografia do Panorama, 1855. p. 319-320.
- MENDONÇA, A. P. L. de. Manuel Antônio Álvares de Azevedo. *Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado*, Lisboa: Tipografia de Castro, Irmão & Cia., v. 2, n. 10, p. 77-79, 1858.
- PAZ, O. Literatura de fundação. In: PAZ, O. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- QUENTAL, A. de. *Cartas*. Coimbra: Ed. da Imprensa de Universidade, 1921. p. 208-209.
- QUENTAL, A. de. (Org.). *Tesouro poético da infância*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- SARAIVA, A. A poesia brasileira em Portugal. *Terceira Margem: Revista do Centro de Estudos Brasileiros*, Porto, v. 3, p. 7-14, 1982.
- SILVEIRA, P. da. *Os últimos luso-brasileiros*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981.
- SAYERS, R. *Onze estudos de literatura brasileira*. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983.
- VARELA, F. Canto do sertanejo. *Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado*, Lisboa: Tipografia de Castro, Irmão & Cia., v. 6, n. 6, p. 47, 1863a.
- VARELA, F. Canção. *Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado*, Lisboa: Tipografia de Castro, Irmão & Cia., v. 6, n. 6, p. 47-48, 1863b.
- VARELA, F. Hino. *Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado*, Lisboa: Tipografia de Castro, Irmão & Cia., v. 6, n. 15, p. 118, 1863c.
- VARELA, F. Província de São Paulo. *Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado*, Lisboa: Tipografia de Castro, Irmão & Cia., v. 6, n. 15, p. 118, 1863d.

Recebido em novembro de 2013.

Aprovado em maio de 2014.